



RECORTES DE IMPRENSA

JANEIRO 2013



COM O APOIO:





“A tua segurança não é um jogo. Fica ligado.”

Entre 2000 e 2011 a Associação de Apoio à Vítima (APAV) registou 7.387 processos de apoio a crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram na identificação de 11.261 crimes praticados contra menores. Entre estes, os crimes contra o património surgem em terceiro lugar, com uma prevalência relativamente baixa comparativamente aos crimes contra as pessoas. Esse facto é indicativo dos baixos níveis de denúncia e de procura de ajuda por parte dos mais jovens perante crimes dessa natureza. Esses dados motivaram a APAV a investir na produção e na disseminação de recursos informativos dirigidos às faixas etárias mais jovens, disponibilizando, de uma forma simples, atrativa e ajustada, informação sobre violência, sobre a importância de procurar ajuda e apoio e de adotar estratégias de segurança e proteção. A APAV apostou, por isso, no desenvolvimento de uma agenda escolar, do *website* www.apavparajovens.pt, desenvolvido pela “Ideias com Pernas”, e de uma campanha de informação e sensibilização. Essa campanha, realizada com o apoio mecénático da Cupido, conta com a participação dos jovens atores Mikaela Lupu e Ricardo Sá e procura transmitir aos mais jovens uma mensagem-chave: “*A tua segurança não é um jogo. Fica ligado*”. Chama-se, dessa forma, a atenção para os perigos que a rua pode trazer e, no sentido de os evitar, incentiva-se a adoção de comportamentos preventivos, de maior segurança e proteção.





A Violência Doméstica

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima registou, em 2011, um aumento no número de crimes de violência doméstica (mais 8,8 por cento), comparativamente com o ano anterior. Os dados divulgados constam do relatório de 2011, no qual o distrito de Setúbal surge na sétima posição, com 499 processos de apoio (4,2 por cento), o que representa um aumento significativo comparativamente com 2010, ano em que se registaram 391 processos.

Ainda dos dados agora divulgados, pode-se constatar que dos 18.470 crimes ocorridos a nível nacional, dos mesmos resultaram 11.784 processos de apoio – que representam cerca de 23 mil pessoas apoiadas –, nas quais 8.693 eram vítimas directas. Por outro lado, e como tem sido a tendência nos anos anteriores, as mulheres continuam a ser o alvo principal (80 por cento dos casos), sendo também o homem o principal agressor (78 por cento), enquanto que as idades das vítimas se situa, maioritariamente em idosas, com

mais de 65 anos, logo seguida da faixa etária entre os 35 e os 40 anos.

No âmbito da violência doméstica os maus tratos físicos surgem a encabeçar a lista (505 crimes), seguindo-se os maus tratos psíquicos (427 crimes), o homicídio tentado, com mais 55 crimes. A nível nacional registaram-se cinco homicídios consumados.

Apesar da violência doméstica ser associada muitas vezes apenas a mulheres, existem muitas crianças e idosos que sofrem os seus efeitos em silêncio.

Por ser um crime público, torna-se essencial denunciar os casos de violência doméstica, denuncia essa que poderá ser anónima.

Actualmente, a PSP conta com um gabinete de apoio à vítima personalizado, cujo objectivo não é só receber denúncias, mas também encaminhar também a vítima para instituições mais especializadas providas de apoios vários.

As instituições de apoio tentam, junto da vítima, explorar as possíveis

soluções para o caso, personalizada-mente, uma vez que cada caso é diferente.

Demonstra-se que para as vítimas de violência doméstica torna-se muito difícil de superar o problema, dada a sua extrema complexidade e que necessitam de imenso apoio para combater situações complexas, onde a maior parte das soluções passa por sair de casa e reconstruir toda uma vida.

O que não é nada fácil. Tratam-se de sentimentos, emoções, afectos, provavelmente pela pessoa errada, mas que não deixam de existir.

Os casos mais problemáticos são normalmente os que abrangem vítimas dependentes financeiramente do agressor.

Não existe nada de mais degradante do que um homem (será?) bater numa mulher. Constitui um indicador de barbárie, de incivilidade, de vergonha, de pequenez, de cobardia, de estupidez.

É uma manifestação primária de insegurança e de cobardia, disfarçada de violência, tão explícita, quanto desnecessária.

Quando era miúdo e jovem nunca assisti a cenas dessas em minha casa. Porém, conheci, nessa altura, os seus efeitos em familiares próximos.

Foi uma experiência que me marcou profundamente.

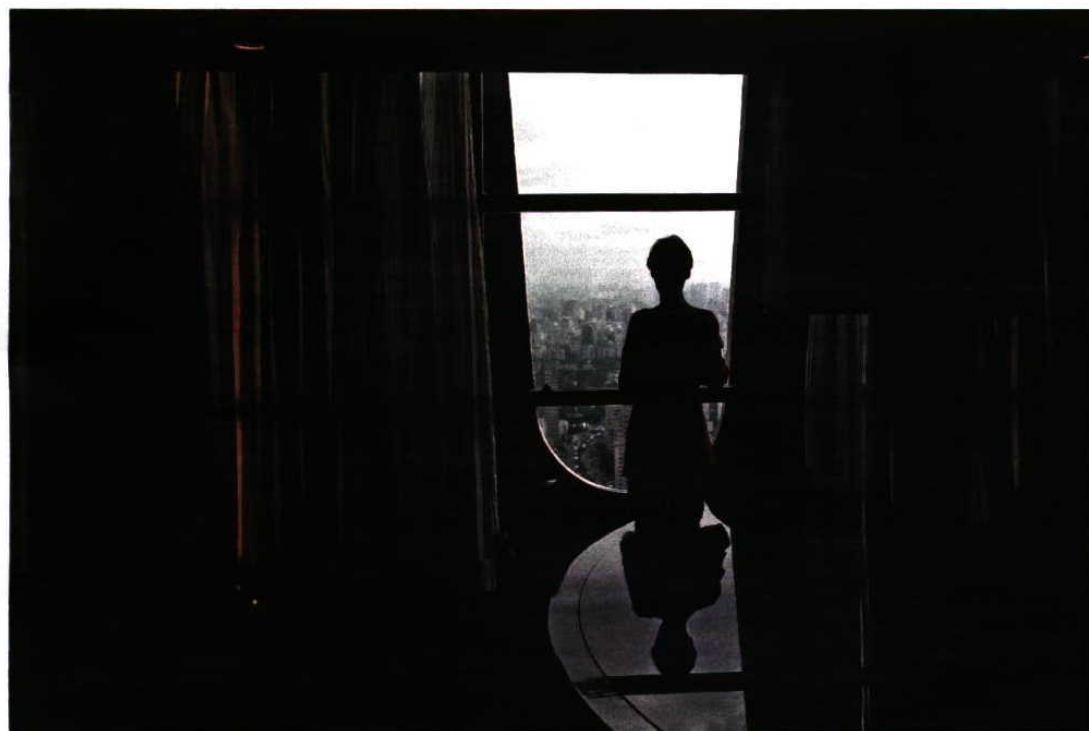
Percorre-se um caminho difícil, ultrajante, redutor, aviltante.

Meu Pai dizia muitas vezes “Un uomo sul serio, deve essere, innanzi tutto, un gentiluomo” ou seja: um homem a sério, deve ser, antes de mais, gentil.

Foi esse o valor que me incutiram em casa. É esse o valor que possuo, que pratico, como homem que me orgulho de ser, e que procuro transmitir à geração seguinte.

Quem bate numa mulher, ou em qualquer pessoa mais frágil fisicamente, deve ser punido exemplarmente.

Pela Lei. E pela consciência colectiva.



Maioria dos casos ocorre em contexto conjugal

ANTÓNIO PEDRO SANTOS

Tentativas de homicídio contra mulheres batem recorde dos últimos cinco anos

Em mais de metade dos homicídios e tentativas de homicídio registados em 2012 havia histórico de violência doméstica, em alguns casos denunciada à polícia

ROSA RAMOS
rosa.ramos@ionline.pt

Desde 2007 que não havia registo de tantas tentativas de homicídio contra mulheres. Segundo o Observatório de Mulheres Assassinadas da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), ao longo do ano de 2012 terão acontecido pelo menos 52 casos, 80% dos quais levados a cabo por companheiros ou ex-companheiros das vítimas. Um número que a associação – que se dedica desde 2004 a compilar e estudar os fenómenos de violência contra mulheres com base em recortes de imprensa – admite ser “elevado e que só foi ultrapassado nos últimos anos pelas estatísticas de 2007, quando houve registo de 59 tentativas de homicídio.

De acordo com o relatório preliminar

de 2012 do observatório, os homicídios consumados também aumentaram o ano passado, em comparação com o ano anterior: em 2012 foram assassinadas 40 mulheres, mais 11 que em 2011. Do total de mortes do ano passado, 69% aconteceram em contexto conjugal. “Houve um aumento das taxas de homicídio e de tentativas de homicídio em relação ao ano anterior, mas que não pode ser lido como um aumento do fenómeno, porque os números têm oscilado ao longo dos anos”, ressalva Elisabete Brasil, da UMAR.

APOIO O que também terá aumentado no ano passado foi o número de mulheres vítimas de violência doméstica que pediram o apoio da associação e que confessaram ter optado por não denunciar o problema às autoridades. “Notámos em 2012 uma maior relutância das

vítimas de violência em denunciar os agressores à polícia”, adianta Elisabete Brasil. “Muitas delas contam que chegaram a apresentar queixa em algum momento, mas que isso não foi suficiente para impedir a reincidência da violência”, justifica a responsável.

As estatísticas dos homicídios e das tentativas de homicídio parecem ir no mesmo sentido. Em mais de metade dos casos já havia historial de violência e até de denúncias às autoridades. Em 11% das situações de morte, as mulheres já tinham apresentado queixa por violência e em 6% dos casos os homicidas já tinham até estado presos pelo crime de violência doméstica. “As denúncias não foram suficientes para prevenir as mortes”, sublinha Elisabete Brasil. Significativo é também o número de mulheres que esconderam das autoridades que eram vítimas de violência doméstica: 11%, segundo os dados da UMAR.

Dos 40 homicídios registados o ano passado, 20 foram cometidos por maridos, companheiros ou namorados e oito por ex-companheiros ou ex-maridos que não aceitaram o fim dos relacionamentos. Segundo a UMAR, todos os meses são assassinadas em Portugal em média três mulheres. O ano passado, Março e Setembro foram os meses em que aconteceram mais mortes – o que contraria as estatísticas dos últimos anos, que quase sempre apontaram para uma maior prevalência deste tipo de crime nos meses de Verão.

A UMAR decidiu introduzir, pela primeira vez, no relatório de 2012 uma análise dos homicídios ocorridos nas relações de intimidade entre casais do mesmo sexo.

Até ao dia 21 de Novembro foram contabilizados três homicídios e uma tentativa de homicídio em relações homossexuais.

2012

Mais homicídios e tentativas

O número de mulheres assassinadas e vítimas de tentativas de homicídio aumentou o ano passado em relação a 2011, segundo a UMAR.

3

O relatório de 2012 inclui pela primeira vez referência às mortes ocorridas em relações de intimidade entre casais do mesmo sexo: registaram-se três homicídios e uma tentativa.

AS MOTIVAÇÕES

- Metade dos homicídios contra mulheres aconteceu num contexto de violência doméstica.
- Em 19% dos casos, as mortes terão acontecido na sequência de problemas familiares.
- Os homicidas que não aceitaram o fim da relação amorosa representam 6% do total dos casos registados em 2012.
- Outra das motivações frequentes tem a ver com a saúde mental dos homicidas (6%).
- O ciúme e o sentimento de posse foram a justificação, de acordo com os dados recolhidos pela UMAR, em 3% do total dos crimes.

Caracterização dos homicídios

Idades A maioria das vítimas e dos homicidas, de acordo com a UMAR, têm entre 36 e 50 anos.

Meses do ano Em 2012, os meses de Março e Setembro foram os que registaram mais crimes.

Regiões do país A maioria dos casos aconteceu em Lisboa (12) e no Porto (6). Dos 317 homicídios de mulheres de que há registo desde 2004, 150 aconteceram em Lisboa, Porto e Setúbal.

Direitos na Terceira Idade

Idosos abandonam lares para ajudar netos e filhos desempregados

Pobreza. Muitas famílias que já não têm subsídio de desemprego sobrevivem com reforma dos pais que estavam em instituições. Idosos saem para ajudar os filhos, mas alguns encontram solidão e violência

RITA CARVALHO

Muitos idosos estão a deixar os lares e centros de dia para ir tomar conta dos netos, ajudar os filhos a pagar as contas e até trabalhar na horta, para daí retirar alguma subsistência. Outros, que estão em casa, abdicam dos serviços de apoio domiciliário de limpeza e enfermagem, e a alimentação dividem-na com o resto da família. Em muitas casas onde deixou de haver subsídio de desemprego, a reforma do idoso que regressou a casa passou a ser o único rendimento.

"Vão com aquele sentimento de que têm de ajudar a família. Preferem ser eles a passar mal para poder ajudar os filhos que ficaram desempregados", afirmou ao DN Eduardo Capão, da União das Instituições Particulares de Solidariedade Social de Évora. O também presidente da Santa Casa da Misericórdia de Cabreia conhece cinco casos nas instituições que dirige mas garante que "a realidade é muito mais difícil do que se fala e que todas têm relatos destes". Muitas famílias, acrescenta, "voltaram a jantar pão, azeitonas e toucinho".

Com a saída dos lares, as famílias poupam na contribuição fi-

nanceira e ficam ainda com a reforma dos idosos. O que muitas vezes resulta num aproveitamento e pode potenciar a violência contra os mais velhos, um problema que não tem parado de aumentar na última década. O fenómeno da saída começou a sentir-se em 2012, mas com o desemprego os técnicos no terreno temem um forte agravamento este ano.

Jofre Pereira, diretor-geral do Centro Solidariedade e Cultura de

Peniche, diz que muitas famílias já estão a preparar o regresso dos familiares porque estão desempregados e já não conseguem suportar a mensalidade. "A maioria dos idosos vão tristes porque acham que vão dar trabalho, não querem ser um peso. A família não o faz porque quer mas porque não tem outra hipótese."

Em casa, deixam de ter cuidados de saúde e enfermagem e nos casos mais graves são obrigados a recorrer aos centros de saúde. A limpeza, a alimentação e a medicação são asseguradas por filhos, noras e netos que agora têm mais tempo para cuidar deles. Mas para muitos o regresso é sinónimo de abandono e maus tratos.

"Os pais é que estão a assumir os encargos dos filhos. A situação está a inverter-se, pois nesta fase da vida

deviam ser os filhos a cuidar deles", garante Américo Ribeiro, presidente da Obra Diocesana de Promoção Social, que atende mais de mil utentes da Terceira Idade na cidade do Porto. "Muitos vão para casa, para o isolamento. Mas estas pessoas de 70, 80 anos não manifestam desagrado, são pacíficos, resignados. Mas é uma violentação enorme." Américo Ribeiro fala num "problema social gravíssimo, que se vai acentuar este ano e em 2014. Porque até aqui os filhos iam aguentando".

Filhos tiram pais para ter reforma

Manuel de Lemos, presidente da União das Misericórdias, diz que não é possível saber a dimensão deste fenómeno. Mas garante que a retirada forçada dos idosos para aproveitamento das suas reformas já foi atenuada, também devido à pressão feita junto dos responsáveis dos lares.

Os que têm necessidade e até tinham intenção de vir para um lar, estão a desistir, dizem os dirigentes do sector social. O mesmo acontece no privado, reconhece João Ferreira de Almeida, da Associação de Lares de Idosos, que diz que já há vagas nos lares e que, em breve, algumas casas começarão a encerrar por falta de utentes. "O fator económico é que define a opção e muitos acabam por escolher casas clandestinas", diz, garantindo que o problema está a agravar-se com a crise.

870 mil desempregados

no terceiro trimestre do ano passado, mais 44 mil do que no trimestre anterior. Ou seja, 15,8% da população ativa, segundo o Instituto Nacional de Estatística

Instituição trava saída forçada de lar

COAÇÃO António foi acolhido num lar por sua própria iniciativa. Diabético, com dificuldades motoras e a precisar de cuidados diários, não tinha condições habitacionais para permanecer em casa. Na instituição era esporadicamente visitado pelas duas filhas, sendo que a terceira lidava mais de perto com o pai porque trabalhava na instituição que o acolhera.

Quando ficaram desempregadas, as filhas tentaram tirar o pai do lar. Mas António não quis sair. Alegaram ter tempo para cuidar dele, mas a direção da instituição rapidamente percebeu tratar-se de um caso de aproveitamento económico. Pois se anteriormente as duas filhas não souberam cuidar do familiar, dificilmente agora iriam fazê-lo.

"A família é soberana. Mas se o senhor estava perfeitamente consciente e dizia que não queria ir, a instituição resolveu assumir a posição de não o deixar sair", contou ao DN o responsável pelo lar.

Em causa, estavam cerca de 300 euros mensais: a contribuição da família - 40 euros - e a reforma do idoso, usada quase na totalidade (85%) para suportar a despesa.



4 PERGUNTAS A...

MARIA DE OLIVEIRA

Técnica da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

"Dizem que são um estorvo e que não servem para nada"

A crise que muitas famílias enfrentam faz aumentar as queixas de maus tratos a idosos?

Não é um facto em si, mas é potenciador. As pessoas voltam a viver com os familiares, pois saem dos lares - umas vezes por falta de condições financeiras, outras para ajudar a família - e isso pode fazer reviver desavenças antigas e aumentar a tensão. **Há registos de queixas?** Há situações em que as pessoas

estão prisioneiras em sua própria casa. Não têm, por exemplo, acesso às suas finanças. E em relação às burlas que sofrem, muitos idosos não as denunciam porque têm vergonha.

Como se reflete essa situação?

Têm baixa autoestima. Dizem-lhes que são um estorvo, que não servem para nada. E até há uma certa tolerância para o comportamento dos familiares, que, por vezes, têm desabaços do tipo "estou farto [de tomar conta do idoso], qual quer dia ponho-o num lar".

Como se muda a situação?

Ainda há um percurso a ser feito. Temos de fazer mais na sensibilização da comunidade e das próprias vítimas.

Queixas de violência subiram 158% em dez anos

ALERTAS Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa registou 86 casos nos primeiros nove meses de 2012. Barómetro da APAV alerta para o sentimento de insegurança

Os idosos em Portugal sofrem cada vez mais de violência doméstica. Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), numa década – 2000 a 2011 – registou-se uma subida de 158,3% das denúncias de maus tratos a pessoas com mais de 65 anos. Segundo os dados disponíveis passou-se de 677 para 6249 casos em 2011. Sendo que os números de 2012, que serão conhecidos oficialmente no próximo mês, deverão apontar para, no mínimo, uma manutenção do ritmo de denúncias, ou seja, perto de 800 / ano, soube o DN.

Dados oficiais referentes ao ano passado, só os disponibilizados ao DN pela Procuradoria-Geral da República (PGR) e relacionados com inquéritos registados nos primeiros nove meses de 2012 na Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa, mostram que foram abertos 86 processos. Em 2011, tinham sido instaurados 127.

O tema tem vindo a merecer cada vez mais a atenção dos responsáveis da PGR. Em 2008, o anterior procurador, Pinto Monteiro, alertou para a necessidade de haver uma maior atenção a este crime, dando-lhe prioridade. Em outubro de 2012, Joana Marques Vidal, a atual PGR, também falou do fenómeno e da necessidade de o combater. Foi no discurso de tomada de posse do seu "vice" – Adriano Cunha – que referiu a urgência de se dar atenção aos crimes sobre os idosos. E este é um assunto para o qual estará muito sensibilizada, pois, desde 2010 até à posse na PGR, ocupou a presidência da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

A APAV publicou em dezembro de 2012 um barómetro onde refere que 70% dos inquiridos consideram que os idosos são quem mais enfrenta problemas sociais e de insegurança e que as famílias não estão preparadas para lidar com este desafio. E que 84% reconhecem existir um maior sentimento de insegurança por parte dos idosos devido à situação financeira do País.

Os maus tratos psicológicos são uma das vertentes mais denunciadas, como reconhece a técnica da APAV Maria Oliveira. "Às vezes ficam com baixa autoestima, pois dizem-lhes que não servem para nada, que são um estorvo", sublinha. Aliás, a GNR tem detetado casos que ilustram a forma como alguns familiares tratam os idosos. Em Tavira, em janeiro de 2012, sinalizaram um homem de 80 anos que não saía de casa e que era apenas visitado pelo filho de forma esporádica e que nem chegava a desligar, ou mesmo a sair, do carro. Acabou por ser transferido para um lar gerido pela Santa Casa da Misericórdia de Tavira após intervenção da GNR. CARLOS FERRO



NÚMERO DE IDOSOS EM 2011

2 971 000

INSPEÇÕES REALIZADAS A LARES NO ANO PASSADO

619
dos quais resultaram 71 encerramentos (65 administrativos e seis urgentes)

CUSTO DE LARES

NO SECTOR SOCIAL
Estado + famílias + reforma do idoso
(cada um compartilha com uma parte)

NOS PRIVADOS
Valor médio de 1000 a 1100 euros
(varia bastante do interior para litoral e de centro urbano para zona rural)

VIOLÊNCIA CONTRA IDOSOS

- 86 inquéritos na Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa só em oito meses de 2012
- 127 inquéritos na Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa em todo o ano de 2011
- 70% dos inquiridos pela APAV dizem que as famílias não estão preparadas para problemas sociais, de saúde e insegurança dos idosos

NÚMERO DE LARES

2200
ilegais (segundo a Segurança Social. A Associação de 'Lares de Idosos diz que podem chegar aos 3000)

2000
do sector social

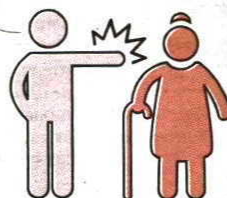
600
privados

PERFIL DO AGRESSOR

- Homem
- Entre os 45 e os 50 anos
- Filho/filha da vítima ou cônjuge

PERFIL DA VÍTIMA

- Mulher
- Entre os 65 e 70 anos
- Pai/mãe do agressor
- Vítima de agressão simples, ameaça/coação ou violação de domicílio



Idosos obrigados a deixar os lares

POBREZA Famílias no desemprego sobrevivem com reformas dos pais que estavam em instituições. Idosos saem para ajudar filhos, mas muitos encontram violência. **ATUAL** PÁGS. 4 E 5



Controlo de agressores mais do que duplicou

Violência doméstica
Ana Cristina Pereira

Formação estará a sensibilizar magistrados para aplicação da medida de vigilância electrónica de agressores

A secretária de Estado da Igualdade, Teresa Morais, acredita que os magistrados estão mais sensíveis: os tribunais recorrem cada vez mais a pulseiras electrónicas para manter agressores longe de vítimas de violência doméstica. No último ano, mais do que duplicou o número de pessoas sujeitas a essa medida.

A Direcção de Serviços da Vigilância Electrónica compara o número de pulseiras aplicadas em simultâneo no final de cada ano: três em 2009, 20 em 2010, 51 em 2011, 118 em 2012. Atendendo aos 122 processos findos até Novembro, 5% foram revogados por incumprimento da medida. “É um sistema que funciona bem, tem uma elevadíssima taxa de sucesso”, comentou Teresa Morais, numa curta conversa telefónica.

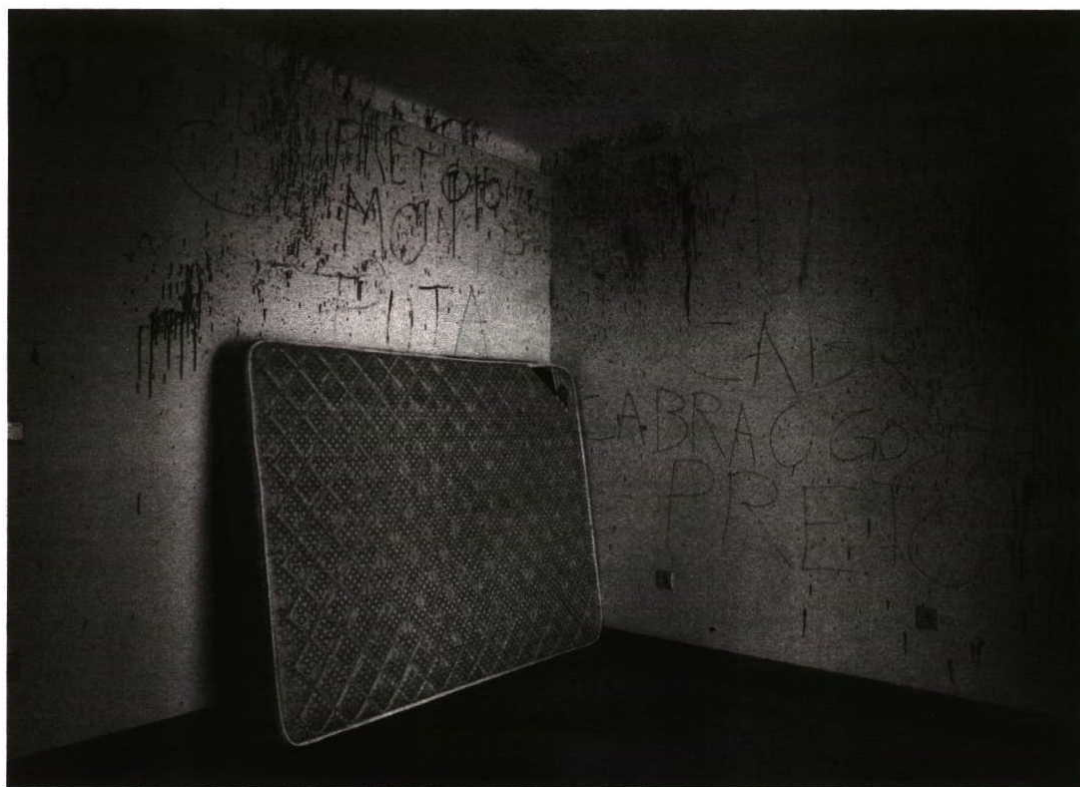
Há anos que especialistas como Elisabete Brasil, da UMAR, reclamavam maior protecção às vítimas. A medida de afastamento do agressor já estava prevista desde 1987, mas só em 2009 se associou à vigilância electrónica.

Nos últimos anos, lembra Teresa Morais, houve diversas acções de formação para magistrados. Uma combinada entre a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género e a Procuradoria-Geral da República, outras através do Centro de Estudos Judiciários, que está a preparar um programa de ensino através da Internet. E isso tudo parece-lhe estar a surtir efeito.

Elisabete Brasil recorda outro aspecto: o MP criou serviços especializados nas maiores comarcas. Em Novembro, na audição pública sobre a monitorização do regime aplicável à prevenção da violência doméstica e à protecção e à assistência das suas vítimas, a procuradora Fernanda Alves explicou como tudo funciona em Lisboa, valorizando a formação de que os magistrados têm beneficiado: “Foram transmitidos aos magistrados do Ministério Público os critérios estudados e testados que permitem identificar factores de risco de violência por parte de um agressor, o que lhes vem permitindo ajustar melhor a condução dos processos”.



Fotografia



1.

2.

3.

4.

1. Póvoa de
S. Martinho do Bispo,
Coimbra

2. Raquel, Funchal

3. Olha,
5 de Fevereiro
de 2010, Ilha de
S. Miguel, Açores

4. João Maria,
Santarém

Os nossos cães danados

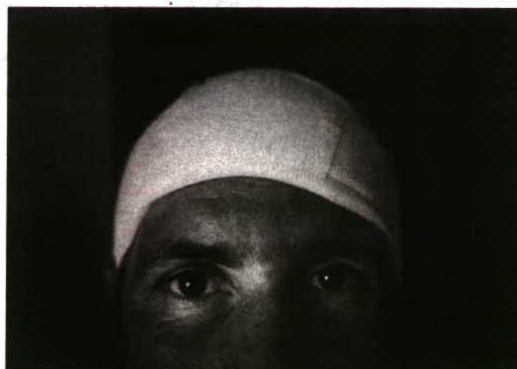
“Olha”. A exposição do fotógrafo Valter Vinagre mostra silêncios e gritos. Incómodos. Demónios, cães danados. O seu trabalho está na Galeria Torreão Nascente da Cordoaria Nacional, em Lisboa, até 23 de Março.

LÚCIA CRESPO
lcrespo@negocios.pt

TODOS NÓS TEMOS DIABOS NO CORPO, CÃES DANADOS. O HOMEM TEM UM FUNDO escondido, capaz das piores atrocidades, solta Valter Vinagre, autor da exposição “Olha”, em colaboração com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e com a autarquia de Lisboa, uma mostra que está na Cordoaria Nacional.

Um trabalho que parte de inquietações, diz o fotógrafo, 58 anos, ele que nasceu num campo da Anadia, atravessado pela Auto-Estrada do Norte, onde viu amigos de infância sofrerem nas mãos de pais alcoólicos, ele que foi urbanizado, mas que na urbe continuou atormentado pelos seus cães danados. “Eu leio e ouço”. E viu. O homem que bate na mulher, a mulher que bate no homem, o pai que bate no filho, o filho que bate no pai. Gente assaltada à mão armada, gente despojada dos seus haveres, gente mal tratada. Ele que desde cedo sentiu uma grande inquietude desatada por essas vivências. Bateu à porta da APAV, percorreu o país durante um ano, fez o livro “Olha”, uma edição de autor, limitada a cem exemplares, e montou um outro, “APAV 20 anos: Olha”, com 60 imagens suas e textos de José Félix Duque e Celso Martins. A obra estará disponível na própria exposição. Um trabalho duro. Envolvente. Por vezes, demasiado.

“Olha” é a última obra de uma espécie de trilogia que Valter Vinagre construiu nos últimos anos, assente nos seus incómodos. Em 1999, o fotógrafo lançou “Carta do Sentir”, nome de livro e de uma mostra exibida no Museu da Imagem em Braga. Decorria a guerra na então Jugoslávia, tinha acontecido o genocídio de Ruanda anos antes. A inquietude soltou-se. A segunda obra desta série de Valter Vinagre chama-se “Para” e reúne imagens de espaços, flores e memoriais a vítimas de acidentes nas estradas. Nesse ano, tinha havido um pico de mortes por sinistralidade. Fechada a trilogia do autor, continuam as inquietações, os incómodos, que agora remexem nas jogadas peninsulares contras as Invasões Francesas. Os cães danados continuam por aí. **w**



'Desculpas' das vítimas de violência inspiram filme

Maus tratos. 'Quarta Divisão' retrata as agressões, visíveis em todas as classes, que são encobertas com "caí, escorreguei, aleijei-me"

CÉU NEVES

Um namoro de um ano, iniciado no trabalho já que ambos eram militares. Um noivo que prometeu amar e ser companheiro. Casaram-se, tiveram uma filha e não foram felizes para sempre. As agressões verbais tornaram-se físicas quando ela engravidou. Agressões que para o fim ele deixou de se preocupar em esconder e ela teve de arranjar desculpas para encobrir. "Caí, escorreguei, aleijei-me, bati contra...", foram algumas. É a história do casamento de Carla (nome fictício), 35 anos, mas poderia ser de muitas outras vítimas.

As desculpas que as vítimas de violência doméstica usam para encobrirem os maus tratos chamam a atenção para o novo filme de Joaquim Leitão, com argumento de Tino Navarro, que é também, o produtor: *Quarta Divisão*, com estreia marcada para 28 de fevereiro. "Em 2010, 31 679 mulheres caí-

ram e bateram com a cara no lavatório em três locais diferentes", 31 679 mulheres tropeçaram e bateram em cheio na maçaneta da porta", sublinha-se numa das apresentações. São dados do Ministério da Justiça utilizados nas campanhas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que agradece a sensibilização do cinema. "Passa mais a informação acerca da violência doméstica, mas sobretudo cria uma maior intolerância das pessoas face ao fenómeno. E demonstra que as vítimas não são apenas as mulheres carenciadas, de classe baixa, mas também podem ser as mulheres com poder e da classe alta, ocorre em todos os estratos sociais", explica Daniel Cotrim, psicólogo e membro da APAV.

O filme de Joaquim Leitão retrata a vida de um casal da classe alta e começa com o desaparecimento do filho desse casal. O que se percebe depois é que a criança



Cristina Câmara interpreta Olga, uma vítima da classe alta

foge da violência doméstica.

A Carla é uma mulher da classe média, também fez votos de felicidade e depressa começaram os maus tratos, com a filha a assistir a tudo. "Tinha casa, carro, vivia desafogada, para os outros éramos a família modelo e eu pensava que não sabiam o que se passa dentro de casa." Casou-se aos 25 anos e teve a filha quatro anos depois. Aguentou os maus tratos sete anos. "Insultava, humilhava, mas só começou a bater-me quando engravidei. E mesmo no namoro percebi que ele tratava mal os pais, mas eu queria ajudar e acabei por ajudar: começou a tratar bem os outros e a tratar-me mal a mim. Os militares

aprendem a não deixar marcas e ele batia nas pernas, nas costas na cabeça, onde não se vê. Para o fim, já apareciam marcas nos braços. Eu disfarçava. No verão, usava camisolos com mangas para não se ver. As pessoas perguntavam o que era e eu dizia que me tinha aleijado. Às vezes respondia: 'Foi ele que me bateu.' Não acreditavam e eu emendava: 'Caí.'"

Saiu de casa há quatro anos, para uma casa de acolhimento da APAV. Deixou a vida militar e trabalha há dois anos na área da saúde. "Tive medo em sair de casa, não tinha condições para viver com a minha filha, mas os técnicos explicaram que ia perder coisas materiais e o que estava em causa era a minha vida e a da minha filha. E tenho a minha casa!"

MENTIRAS

AS QUEDAS

» "Caí" das escadas, na casa de banho, na cozinha, é uma das desculpas para esconder nódoas negras ou cortes.

OS TROPEÇÕES

» As mulheres, já que continua a ser um problema mais vivido pelo sexo feminino, também dizem "tropeçar muitas vezes."

ESCORREGAR E QUEIMAR

» "Escorregar", "aleijar", "saltar" ou "torcer" um pé e bater numa porta, num móvel ou outro objeto. Também se queimam "sem querer".

DEBAIXO DA ROUPA

» Os agressores batem muitas vezes em zonas do corpo não visíveis. E quando as marcas se veem, as mulheres escondem com a roupa.

DEPRESSÃO

» Humilhar e diminuir a autoestima estão entre os maus tratos físicos e tentam esconder nervos, ansiedade, depressão e isolamento.

3 PERGUNTAS A...

"O filme é uma denúncia pública e mais global"



TINO NAVARRO
Argumentista
e produtor

Porque é que escolheu a violência doméstica para tema de um filme?

Já há algum tempo que tinha vontade de fazer um filme sobre esta temática, mas o filme é de tal maneira complexo que não se resume a isso. Tem como tema de fundo a violência doméstica, mas é mais do que isso. É um filme sobre pessoas e que pode ser um pretexto para se discutirem publicamente vários temas, incluindo a violência doméstica. Fiz a primeira versão há dez anos, entretanto fui fazendo outras coisas; a última versão é recente. **Mas porquê a violência doméstica?**

Porque este é um problema transversal a todas as classes sociais, afeta desde as classes baixas às altas, desde os pobres aos ricos, desde os cultos aos incultos, todo o tipo de pessoas. E, por outro lado, tem um lado clandestino, tem a particularidade de ser um crime silencioso, incluindo por parte das próprias vítimas. Não é um filme para moralizar, não tenho a pretensão de dar lições de moral às pessoas.

O que pretende?

Sensibilizar os públicos para esta temática, para que a questão da violência doméstica possa estar na ordem do dia. Não pretendo que as pessoas vejam o filme por também abordar este tema, mas que seja um pretexto para se falar neste assunto. O objetivo é que seja discutido entre as pessoas e que estas se dinamizem para pôr cobro a um problema desta sociedade. É uma denúncia pública e mais global, já que o filme vai ser exibido em salas de todo o País.

FILMOU AGRESSÕES A UMA ADOLESCENTE EM LISBOA E COLOCOU O VÍDEO NA INTERNET

Jovem condenado por agressão e divulgação de vídeo detido pela PSP

■ A PSP de Viseu deteve, para cumprimento de pena, um dos jovens envolvidos no caso das agressões a uma adolescente em Benfica, em 2011, cujas imagens foram divulgadas na rede social 'Facebook', informou fonte policial.

Segundo o comandante da PSP de Viseu, Vítor Rodrigues, a detenção ocorreu junto à Sé de Viseu.

"Recebemos um mandato de detenção no dia 18 de Janeiro e colocámos no terreno um agente da investigação criminal, especializado em dar seguimento aos mandatos de captura", revelou.

A 16 de Janeiro de 2012, Rodolfo Santos - que em 2011 filmou as agressões a uma rapariga e as publicou no 'Facebook' - foi condenado a dois anos e dois meses de prisão, com pena suspensa, por

ofensa à integridade física agravada, roubo e gravação ilícita.

Na ocasião, o tribunal condenou mais quatro jovens a penas suspensas, absolvendo ainda um dos arguidos.

Além das penas, o colectivo de juízes determinou que os jovens teriam de "frequentar formação ou ensino escolar" e colaborar com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e outras organizações que ajudam vítimas de acidentes de viação ou de crimes violentos.

O incumprimento de Rodolfo Santos fez com que o mandato de captura tivesse sido emitido, acabando detido seis dias depois na cidade de Viseu, "onde já se encontrava há cerca de dois meses", referiu o comandante da PSP de Viseu.

Vítor Rodrigues avançou



RODOLFO SANTOS foi condenado a dois anos e dois meses de prisão, com pena suspensa

ainda que o jovem de 19 anos "não ofereceu resistência" aquando da detenção, tendo sido entregue ao Estabelecimento Prisional de Viseu.

Rodolfo Santos tem ainda em curso um processo judicial rela-

cionado com uma agressão a uma fotojornalista do Correio da Manhã, logo após a leitura do acórdão do 'caso Facebook', a 16 de Janeiro, na saída da 3.ª Vara Criminal, no Campus da Justiça de Lisboa. |

Atual 1 Violência doméstica

MP vai pedir prestação mensal para vítimas de maus tratos

Apoio. Procuradoria-Geral de Lisboa enviou circular interna com orientações para crime de violência doméstica

FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

O Ministério Público quer mais vítimas de violência doméstica a receber uma prestação mensal por antecipação, uma ajuda financeira do Estado que é acionada mal a denúncia seja feita.

A lei já prevê esta possibilidade mas a verdade é que, na prática, raramente é aplicada. A razão está na falta de iniciativa dos procuradores do Ministério Público para acionarem este mecanismo perante a Comissão de Proteção de Vítimas de Crimes Violentos, a entidade competente. Mas a procuradora-geral distrital de Lisboa, Francisca Van Dunem, enviou esta terça-feira uma circular interna, a que o DN teve acesso, para que a atribuição deste "subsídio" passe a ser a regra e não a exceção. Sendo que é no distrito judicial de Lisboa que ocorrem mais casos de violência doméstica, nomeadamente em Sintra.

"Esta prestação mensal a que as vítimas têm direito já existe mas os procuradores raramente a aplicam", explica Elisabete Brasil, jurista da UMAR (União de Mulheres, Alternativa e Resposta). "A verdade é que nunca houve muita vontade política para que esta possibilidade tivesse uma grande dimensão, porque implica custos", explica Frederico Marques, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

As regras são claras. As vítimas de maus tratos têm direito a uma prestação mensal imediata após a entrada da queixa na polícia, que dá início ao inquérito. Quem a pode pedir? Além das vítimas, as associações de proteção e ainda o Ministério Público. Mas apenas para os casos em que a remuneração mensal passe a ser menos do que o ordenado mínimo nacional



Vítimas poderão receber um valor mensal de 485 euros durante pelo menos seis meses

(485 euros). Uma prestação mantida durante seis meses, período renovável até um prazo máximo de um ano.

Portugal é o segundo país da Europa em que menos indemnizações antecipadas são pedidas. "Só cerca de 10% é que fazem o pedido e incentivadas por nós, as associações de defesa destas vítimas", explica Frederico Marques. "Mas da parte dos procuradores raramente é pedida esta proteção social. O valor atribuído também não ultrapassa os 485 euros."

Segundo o documento, o Ministério Público pretende fazer "uma avaliação da aplicação do policiamento preventivo e da indemnização à vítima, no processo

ou em antecipação". Objetivos que fazem parte de um plano de "maior intervenção no crime de violência doméstica" para este ano (ver texto ao lado). "Já que os tribunais usam pouco esta estratégia, esta talvez seja uma forma de sensibilizar os magistrados para esta questão", explica Elisabete Brasil.

Joana Marques Vidal, a recém-nomeada procuradora-geral da República, ex-presidente da APAV, e sensível a estas questões, fez saber na altura da tomada de posse que, para além da sanção judiciária do agressor, é importante "que a vítima perceba que tem o apoio de outras estruturas organizadas que atuam juntamente com o Ministério Público".

Mais polícias para prevenir casos graves

ESPECIALIZAÇÃO Uma equipa de juízes especializados para resolver os casos de violência doméstica que cheguem aos tribunais e ainda mais policiamento de prevenção para os casos mais graves são algumas das orientações que o distrito judicial de Lisboa definiu para este ano.

"Criar uma rede de magistrados na área de violência doméstica e avaliar o sistema de policiamento de prevenção", pode ler-se no documento enviado por Francisca Van Dunem aos procuradores na

terça-feira. Estas metas surgem no seguimento da criação do modelo de avaliação de risco de morte para as vítimas de violência doméstica, lançado pelo Ministério da Administração Interna em dezembro. Ou seja: o agente que receba a queixa de um caso de maus tratos terá de colocar a sua análise num processo, que pode ter indicação de "risco médio", "elevado" ou "extremo" e que é depois remetido ao Ministério Público. A ideia é prevenir os casos que poderiam acabar em homicídio.

DADOS

Mulheres são as mais agredidas

Desde dezembro até meados de janeiro deste ano já foram contabilizados mais de 800 casos de violência doméstica denunciados à PSP e GNR, só nos distritos de Lisboa e Porto. No ano passado, até novembro de 2012, mais de 30 mulheres morreram na sequência de casos de violência doméstica. No total foram 3851 casos de mulheres vítimas de maus tratos pelos maridos, ex-maridos, namorados e ex-namorados.

30
mortes

Até novembro de 2011 foram assassinadas mais de trinta mulheres por violência doméstica, segundo a UMAR

País e avós também são maltratados

Segundo os últimos dados divulgados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em 2011 foram quase 700 os idosos vítimas de maus tratos por filhos ou netos. No ano passado, a Federação das Instituições da Terceira Idade (FITI) alertou que 39,4% dos idosos em Portugal são vítimas de violência doméstica, de acordo com os dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde.

700
idosos

A APAV recebeu 699 queixas de casos de idosos vítimas de maus tratos por parte de filhos, filhas, netos ou netas

Quase mil crianças identificadas

Também segundo a APAV, só em 2011, no País todo, foram denunciados quase mil casos de crianças vítimas de maus tratos físicos e psicológicos (972). Os autores da agressão, na maioria das queixas, foram os pais mas também se registaram denúncias em que os avós maltratavam os netos (25 registos). Esses abusos passam também por cenários de negligência como falta de alimentação ou de higiene.

972
crianças

A APAV recebeu em 2011 quase mil queixas de crianças abusadas física ou psicologicamente. A maioria pelos pais

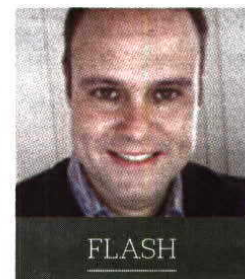
Vítimas de violência doméstica ganham subsídio mensal automático

SUBSÍDIO Os procuradores do Ministério Público receberam ordem para requerer a concessão de um subsídio mensal a todos os queixosos de violência doméstica que tenham remunerações abaixo do salário mínimo. Esta medida tornará a aplicação desta indemnização – cujo período máximo de concessão é de seis meses – um processo praticamente automático, pois deixa de depender de um requerimento da própria vítima ou de alguma associação de apoio, como estava a acontecer. **ATUAL** PÁG. 2



"Espero que sirva de exemplo. Os idosos têm de ser bem tratados"

Vasco Morgado
Pres. Junta de São José



FLASH

"Importante foi atuação célere das entidades"

Frederico Moyano Marques
Assessor técnico da APAV

Uma condenação por violência doméstica contra idosos não é algo invulgar?

Efetivamente, esta não é uma decisão comum. Só agora começa a surgir com mais veemência atenção a estes casos. Mas o importante aqui é salientar a atuação célere das entidades. Da Junta de Freguesia que fazia o acompanhamento domiciliário e a preocupação do Ministério Público em avançar com o processo com alguma celeridade.

Estes casos de violência contra idosos estão a aumentar, segundo os dados da Associação de Apoio à Vítima (APAV)?

As nossas estatísticas revelam um aumento de violência contra idosos no seio familiar ou em contexto institucional, mas não dá para concluir que os casos estão a aumentar. O que aumentou significativamente foi o nosso conhecimento. Em 2000 tínhamos registados 290 situações, em 2011 foram 749.

Lisboa Mulher de 90 anos maltratada pelo filho estava desidratada

TRÊS ANOS DE PRISÃO POR ABANDONAR A MÃE CEGA

Paulo Lourenço
jplourenco@jn.pt

Um homem com cerca de 50 anos foi condenado a três anos e seis meses de prisão efetiva pelo crime de violência doméstica contra a mãe, uma invulgar de 90 anos. O caso foi denunciado pelo JN em 2012.

O tribunal não teve contemplações perante a acusação do DIAP de Lisboa e obteve a condenação do arguido na pena de 3 anos e 6 meses de prisão efetiva pelo crime de violência doméstica sobre a sua mãe. A idosa foi descoberta, em março de 2012, pela equipa do Vassouras e Companhia, uma brigada de apoio a idosos dinamizada pela Junta de Freguesia de São José.

Maria G. vivia com o filho numa casa do Príncipe Real, em pleno centro de Lisboa, quando os elementos do Vassouras a descobriram a viver em condições degradantes. A idosa estava deitada numa cama, com lençóis negros



Maria G. foi encontrada numa cama suja, com fralda por mudar e desidratada

pela sujidade, fralda por mudar há alguns dias e completamente desidratada.

Foi este cenário que levou à condenação do filho. Entre outros aspetos, o juiz relevou a "situação de cegueira e a total incapacidade da senhora se prover a si própria".

Três dias depois da notícia do JN, o DIAP de Lisboa remeteu ao Ministério Público nos Juízos Cíveis certidão de

tudo o processado em vista à interdição, como forma de proteção da ora ofendida.

O filho ficou, desde logo, impedido de se aproximar da mãe e esta foi transferida para um hospital, onde chegou em total desidratação e onde permaneceu alguns meses. Seria depois transferida para um lar, onde vive atualmente, graças à intervenção conjunta de Santa

Casa de Misericórdia de Lisboa, Policiamento de Proximidade e Junta de Freguesia de São José, que foi quem sinalizou o caso.

Triste por sair de casa

Vasco Morgado, presidente daquela Junta, disse ontem ao JN que a idosa está agora a viver em perfeitas condições no lar. "Está um pouco triste por não poder estar na sua

Mulher cega deixada ao abandono pelo filho



Notícia do JN revelou situação degradante e ditou rápida atuação das autoridades competentes

casa, mas já percebeu que é melhor assim", sublinhou.

A equipa do Vassouras e Companhia continua a visitá-la regularmente, como faz com todos os idosos que acompanha diretamente. "Sentimo-nos orgulhosos por termos contribuído para a resolução de um situação degradante, que violava todos os direitos humanos", concluiu o autarca. ●

FOTOS: RESERVADOS



vida Real

Feridas “invisíveis”

No ano de 2012, estima-se que 27 milhões de pessoas no mundo foram vítimas de escravatura sexual. Mas apesar de parecer que estes crimes só acontecem em países de terceiro mundo, o mesmo pode passar-se a poucos metros da tua casa...

POR CATARINA DA EIRA BALLESTERO

A triste realidade é que qualquer mulher pode ser uma potencial vítima e, num ápice, ser “incluída” numa rede de prostituição e transformada numa escrava dos tempos modernos. Regra geral, os criminosos coagem as vítimas através de estratégias enganosas e manobras fraudulentas, como promessas de uma vida melhor ao seu lado, e podem até aproveitar-se de uma ligação emocional construída

com propósitos diabólicos ou de uma fraca autoestima por parte de adolescentes e mulheres com dificuldades e meios familiares sem estrutura. Os testemunhos seguintes de Carissa e Holly podiam ser os de qualquer mulher. Mas apesar de tudo, as histórias destas sobreviventes são relatos verídicos de lutadoras que venceram os seus medos, enfrentaram quem as escravizou e, hoje em dia, usam a sua dor para ajudar quem passou pelo mesmo.

TESTEMUNHO



Carissa Phelps

34 anos



À medida que fui crescendo, sempre tive muito medo do

mau temperamento do meu padrasto e sentia-me desprezada pela minha mãe. As minhas fugas de casa (morávamos na Califórnia) eram frequentes, na esperança de chamar a atenção dos meus progenitores. Ao contrário do que eu pretendia, quando tinha 12 anos, a minha mãe pediu-me para sair de casa. Fui parar a um centro de acolhimento para crianças problemáticas, mas acabei por ir embora poucos dias depois. Com o coração partido devido à rejeição da minha mãe, a minha autoestima estava em cacos. Enquanto vagueava pelas ruas de Fresno, deparei-me com uma prostituta no passeio, visivelmente magoada e com feridas pelo corpo todo que indicavam ter sido vítima de graves agressões. Senti que tinha de a ajudar, e levei-a comigo até ao motel onde tinha alugado um quarto. Shaundra era o nome dela e, assim que chegámos ao motel, pediu-me para ligar ao namorado, Icey, que apareceu poucos minutos depois. Eu tinha a

“Quando tinha 12 anos, a minha mãe pediu-me para sair de casa (...) a minha autoestima estava em cacos”

noção do que era um “chulo”, e era exatamente isso que o Icey era – tinha vinte e poucos anos, cabelo comprido e sujo, enrolado em várias tranças, barba e um sorriso maléfico. Tive medo dele assim que entrou no quarto, e ele soube aproveitar-se disso na perfeição. Pediu-me “ajuda” e explicou que a Shaundra já não conseguia fazer dinheiro porque estava grávida e cheia de nódos negros, logo, teria de ser eu a fazer o trabalho dela. Ameaçou-me de morte se eu recusasse. Sem qualquer outra opção, aceitei.

A minha vida tornou-se um autêntico inferno. Era violada diariamente pelo Icey, que de seguida me vendia na rua aos homens que procuravam prostitutas. Sempre que voltava dos

encontros, o Icey revistava-me e tirava-me a roupa para se certificar que eu não ficava com dinheiro nenhum para mim. Pensei em fugir, mas as violações constantes e as agressões violentas tinham-me deixado física e emocionalmente debilitada ao ponto de não conseguir agir – a brutalidade de que era vítima tornou-me um zombie.

Vi muitas raparigas a serem prostituídas, mas nenhuma parecia tão jovem como eu. Shaundra, que estava de regresso às ruas, ofereceu-me uns calções curtos de couro preto, para que eu aparentasse ser sexualmente mais madura. Mas parecer (e ser) nova não impedia os homens de pagar para terem sexo comigo, nem a minha roupa interior com desenhos

do Garfield os fazia pensar duas vezes. O Icey controlava-me por ser tão imprevisível. Por vezes era simpático, mas rapidamente voltava a bater-me e a violar-me – chegou a forçar-me a fumar crack e fingi uma convulsão para que não voltasse a fazê-lo. Fui tão credível que me deixou ligar à minha mãe. “Estou em Fresno. Vem buscar-me”, disse-lhe. Implorei à minha mãe que me viesse salvar, mas ela recusou. Demorei muito tempo a conseguir perdô-la por isso. Duas semanas depois, estávamos os três, eu, a Shaundra e o Icey num carro, quando a polícia nos mandou parar. Levaram-nos para a esquadra e perceberam de imediato que eu tinha menos de 18 anos. Devia ter sido levada para o hospital e recebido tratamento psicológico mas, em vez disso, fui presa e fiquei numa cela durante 30 dias com outras raparigas e mulheres que cometeram crimes. Quando fui libertada, passei muito tempo entre as ruas e casas de acolhimento. Foi só quando fui condenada a seis meses de prisão no reformatório, depois de roubar um carro, que alguém me ajudou e me encorajou a falar do meu passado. “Tens potencial”, disse-me o psicólogo do reformatório, um homem bondoso chamado Ron – ele inspirou-me a tomar melhores decisões e a dar um rumo diferente à minha vida. Comecei por frequentar o liceu e terminei o secundário com notas excelentes, enquanto vivia em casa de uma amiga. Acabei por ir para a faculdade e licenci-me em Direito na UCLA [Universidade da Califórnia, Los Angeles]. Enquanto estive no liceu e na faculdade, fiz de tudo para esconder o meu passado traumático dos colegas e amigos – a minha história de vida era tão diferente das deles que tinha medo que não me compreendessem ou, pior, me condenassem. Mas quando estava a tirar o meu mestrado em Gestão,



acabei por confiar nos meus amigos e senti um apoio fenomenal.

Hoje em dia, trabalho como oradora motivacional e dou várias palestras sobre tráfico sexual. Mantenho contacto com a minha mãe, e acabei por perdô-la por tudo o que aconteceu na minha infância, e pela forma como me tratou. Demorei bastante tempo a admitir o quão zangada estava com ela.

Atualmente, o que me tira do sério são as pessoas dizerem que eu fui prostituta – eu fui escravizada. Existe uma diferença enorme entre esses dois conceitos e é essa a minha missão – estou determinada a conseguir que jovens raparigas e mulheres sejam protegidas quando se conseguem libertar de uma rede de tráfico de sexo.



TESTEMUNHO



Holly Smith

33 anos



No verão anterior à minha passagem para o ensino secundário só queria fugir da minha vida. Sentia-me sozinha e posta de parte pelos meus amigos. A minha mãe tinha sido diagnosticada com cancro de mama e, devido à doença, os meus pais não tinham muito tempo para mim. Sonhava em fugir de casa, mas não tinha para onde ir.

Foi então que conheci o Greg. Reparei nele pela primeira vez num centro comercial perto da minha casa, em Nova Jérsea – ele não tirava os olhos de mim. Falámos um pouco e ele pediu-me – melhor, exigiu-me – o meu número de telefone. Hoje em dia, e olhando para trás, penso que me devia ter apercebido que algo não estava bem com aquele cenário. A insistência do Greg em ter os meus contactos e a nossa enorme diferença de idades não era normal, mas sentia-me

demasiado lisonjeada com a atenção dele para reconhecer um problema.

Quando o Greg me ligou nessa noite, contei-lhe o quão infeliz me sentia em casa, com a minha situação familiar, e o nervosa que estava com o início das aulas. “És demasiado esperta para perdeses tempo no liceu”, garantiu-me. “Consegues ser modelo, és gira o suficiente”. Se fugisse com ele, assegurou-me, conseguia arranjar-me documentos falsos e comprava-me imensa roupa nova. Completamente entusiasmada, concordei em fugir de casa com ele. Cerca de duas semanas depois, encontrei-me com o Greg e apanhámos um táxi até um motel em Atlantic City. Assim que chegámos, apresentou-me a uma “amiga” – chamava-se Nicki, tinha cerca de vinte anos e a confiança arrebatadora que me faltava. Fiquei contentíssima quando o Greg me disse que íamos a uma discoteca nessa noite. Passei as horas seguintes a arranjar-me – a Nicki pintou-me o cabelo de louro, emprestou-me um vestido justo e revelador e maquilhou-me. Antes de sairmos do quarto olhei para um espelho e mal me reconheci. “Agora temos de combinar as regras”, anunciou o Greg com uma voz fria. O meu corpo enrijeceu assim que ele começou a falar: estava proibida de fumar crack e de falar com outros homens, dado que podiam ser “chulos”. E foi nesse momento que me apercebi de algo que devia ter entendido há muito: o Greg ia prostituir-me. Senti uma enorme vontade de fugir rapidamente dali, mas não sabia para onde ir. Congelei



e apenas acenei com a cabeça. Ele deixou-nos à porta de um moderno hotel em Atlantic City e a Nicki deu-me uns quantos preservativos para a mão. Acabei por ser paga para ter sexo com vários homens nessa noite, e senti-me um pedaço de carne durante todos os encontros horríveis em quartos de hotéis.

No final da noite, encontrei-me de novo com o Greg no motel. Enquanto a Nicki estava fora do quarto, ele disse-me que queria "experimentar a mercadoria". Tentei afastá-lo, mas ele acabou por conseguir violar-me. Nunca me ocorreu que ele era um predador e culpei-me a mim mesma por me colocar nesta situação terrível.

No dia seguinte, o Greg enviou-me a mim e à Nicki de novo para as ruas. E foi nessa altura que vi a luz ao fundo do túnel: um polícia perguntou-me a idade. Ao aperceber-me da oportunidade que tinha para fugir,

dei-lhe a entender que era menor de idade. Fui levada até à esquadra, onde os polícias perceberam que eu não era prostituta, mas sim uma vítima, e não fui acusada de nada. Dois polícias levaram-me para casa e contaram tudo o que se havia passado aos meus pais – até ao dia de hoje, nunca falámos sobre o assunto.

Poucos dias depois, concordei em dar um depoimento e fui levada até uma sala de interrogatório, onde dois agentes gravaram as minhas respostas a perguntas extremamente gráficas sobre os encontros de sexo a que fui exposta. Foi uma experiência deveras humilhante

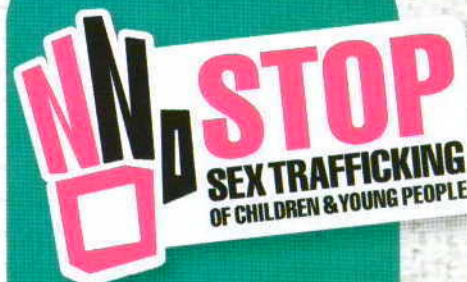
– na época, as redes de prostituição e o tráfico sexual não eram assunto nas notícias, nem ninguém falava sobre isso. Não tive qualquer apoio para me ajudar a lidar com a experiência. O Greg e a Nicki foram acusados de promover a prostituição e de colocar em risco o bem-estar de um menor. O meu testemunho (em vídeo) foi mostrado em tribunal – o Greg passou vários meses na prisão, mas a Nicki nunca chegou a apresentar-se para a leitura da sentença.

Apesar de eles estarem fora da minha vida, continuava a sentir-me suja e magoada. Antes das aulas começarem, engoli 35 aspirinas

numa tentativa desesperada de suicídio – os meus pais acabaram por internar-me num hospital psiquiátrico. Um mês depois, saí do hospital

"Nunca me ocorreu que ele era um predador e culpei-me a mim mesma por me colocar nesta situação terrível"

e comecei a usar drogas para adormecer a minha consciência. Nos dois anos seguintes, circulava entre hospitais e diferentes escolas, e tinha relações tumultuosas com os rapazes com quem namorava. Aos 18 anos, percebi finalmente que estava a deixar aquelas terríveis 48 horas da minha adolescência destruírem a minha vida e o meu futuro, e isso não podia continuar. Melhorei as minhas notas na escola, parei de usar drogas, e acabei por me licenciar e tirar um mestrado em Biologia. Tenho um namorado já há uns anos, que sabe a minha história de vida, e me fez acreditar que nada do que se passou foi minha culpa. Há uns meses atrás, decidi confrontar o meu passado – regressar



BELEZA CONTRA O TRÁFICO

● Em nome de todas as jovens e adolescentes que são vítimas de tráfico em todo o mundo, a The Body Shop luta contra estes crimes com várias iniciativas à volta do globo.

A fundadora da marca, Anita Roddick, acreditava que o "Comércio dos Escravos Modernos" devia ser alvo de atenção pública, o que impulsionou a The Body Shop a envolver-se neste assunto desde 2007 e a colaborar com as entidades competentes através de campanhas solidárias fora e dentro das lojas – a campanha mais recente da marca foi através da venda de um creme de mãos, em que parte dos lucros revertia para a ECTAP International (www.ecpat.net), uma instituição que luta contra a prostituição e pornografia infantil com fundos reduzidos. Sabe mais sobre a iniciativa da The Body Shop e descobre como podes ajudar em thebodyshop.com/stop

a Atlantic City e pedi uma cópia do testemunho que dei à polícia quando tinha 14 anos. Foi muito estranho ouvir-me falar sobre aqueles acontecimentos, assim como foi ver uma fotografia do Greg nos registos criminais. Tudo aquilo me parecia tão distante da pessoa que sou hoje, que foi quase como assistir a um filme. Não foi fácil, tenho de confessar. Mas já não me sinto envergonhada. Era uma miúda confusa e houve quem soubesse aproveitar-se disso em seu favor. Agora, não só falo abertamente sobre essa época da minha vida, como estou a escrever um livro para, espero eu, ajudar raparigas a ultrapassarem acontecimentos traumáticos semelhantes.



O que tens de saber...

sobre redes de tráfico e escravatura sexual

● **O tráfico humano** é considerado um crime em Portugal e podes consultar a lei que o dita no artigo n. 160º do Código Penal Português.

● **O tráfico e exploração sexual é uma forma de escravidão moderna** que envolve o recrutamento das vítimas, o transporte e o seu alojamento e, através de ameaças e maus tratos físicos, são sujeitas a uma exploração física e sexual. Normalmente, quem comete este crime pertence a redes organizadas internacionais e tenta dificultar a sua identificação junto das autoridades competentes.

● **Segundo dados da APAV**

- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, as crianças e adolescentes vítimas de tráfico têm uma proteção judicial muito particular e é-lhes garantida, entre outros direitos, prioridade na investigação do nome e nacionalidade para identificar rapidamente a sua família, caso esta não seja a responsável pela situação de tráfico, bem como apoio psicológico, social, médico e jurídico.

● **Apesar de qualquer um poder ser vítima deste tipo de crime** - homens, mulheres, crianças e adolescentes - as crianças e jovens são frequentemente desviadas para a exploração sexual, incluindo

a prostituição, pornografia ou turismo sexual.

● **Protege-te!** Não cedas os teus contactos pessoais a qualquer um, não aceites boleias de desconhecidos e tem especial cuidado com as informações que revelas nas redes sociais, como a tua localização numa sexta à noite, por exemplo. De salientar que, caso andes à procura de emprego, desconfies de ofertas de trabalho relacionadas com moda, cinema e figuração se não conseguires ligar diretamente essas mesmas ofertas a uma empresa.

● **Podes estar perante uma vítima de tráfico ou escla-**

vatura sexual se perceberes, por exemplo, que a pessoa em questão sofre ameaças ou agressões físicas de alguém ou não tem acesso aos seus documentos de identificação. Se confirmares alguma destas situações ou tiveres fortes suspeitas que poderás estar perante uma vítima destes crimes, denuncia a situação e contacta as entidades competentes:

APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (Tel. 707200077; www.apav.pt), **PJ** - Polícia Judiciária (Tel. 217243300; unct.terrorismo@pj.pt) ou **SEF** - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (Tel. 214236200; dcipai@sef.pt; www.mdm.org.pt). ■

OS MEUS
HOBIS**Liliana da Costa Neto**

Apaixonada por moda, acompanha, sempre que pode, vários blogs – nacionais e internacionais – dedica-

dos ao tema. Gosta de desporto, de ler, de ir à praia (durante todo o ano), de viajar, de dançar e de beber um copo.

* INTELIGÊNCIA
sub-30

APOSTA EM CARREIRA DE SUCESSO

COMEÇAR DE NOVO EM PORTUGAL

* Jovem trocou Madrid por Lisboa e garante ser uma privilegiada por trabalhar naquilo que realmente gosta

SANDRA RODRIGUES DOS SANTOS

Começou a carreira profissional com um estágio no departamento comercial da Oracle Iberia em Portugal, mas uma reestruturação da empresa acabou por levar Liliana da Costa Neto dois anos para Madrid. Uma experiência que afirma ter sido "exigente, mas ao mesmo tempo gratificante e enriquecedora, tanto a nível profissional, como pessoal".

Liliana regressou a Lisboa para trabalhar na Vodafone, mas há um ano decidiu arriscar mais e apostar numa área que desde cedo a começou a apaixonar e ingressou na Cupido, uma agência de publicidade 100% portuguesa.

"Os diferentes tipos de empresas onde trabalhei fizeram-me perceber que é necessário ser versátil e acreditar em todos os projetos, aceitar os riscos e assumir sempre novos desafios. A Cupido é claramente uma agência que oferece tudo isto", sublinha a jovem que acredita que a comunicação com o consumidor já não é o que era – ele está mais distraído, mais solicitado e mais exigente".

"A minha função consiste em acompanhar e gerir a carteira de clientes. Apoiá-los e disponibilizar as ferramentas necessárias para garantir que os projetos criativos que enviamos ao cliente cumprem o 'briefing' passado inicialmente. Em paralelo, faço o planeamento de trabalhos, quer

Identidade

LILIANA DA COSTA NETO

Natural de Lisboa, tem 28 anos e uma licenciatura em em Publicidade, Marketing e Relações Públicas, pela Universidade Lusófona. Trabalhou no departamento comercial da Oracle Iberia em Portugal e em Espanha, na Vodafone Portugal e na Ogilvy & Mather. É gestora de projetos na Cupido.

COLABORADORES**1700**

A nível global, a Cupido tem 1700 colaboradores.

Global – A Cupido está incluída na Advertising and Marketing International Network (AMIN), que está presente em 30 países.



SAIBA MAIS

Agência

Fundada por um grupo de profissionais com currículo tanto em empresas de publicidade como anunciantes, a Cupido quer ser uma agência que marca a diferença. Há alguns anos que faz as campanhas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e foi um anúncio sobre o abandono para esta organização que levou um dos seus anúncios a Cannes.

INFLUÊNCIAS

Liliana da Costa Neto afirma que o seu trabalho tem influências de todas as pessoas com quem já trabalhou e define-se como uma pessoa que gosta essencialmente de aprender com todos aqueles com quem trabalha – colegas, superiores ou clientes. Para a jovem, o bom humor e a boa disposição são fundamentais para a motivação diária da equipa.

LIDERAR NOVOS PROJETOS PERMITE-ME ESTAR EM CONSTANTE APRENDIZAGEM (...) ESTAR EM PERMANENTE CRESCIMENTO

OS MEUS SEGREDOS

Três conselhos:

1 TRABALHO ÁRDUO

Trabalhem no duro porque só assim se destacam dos restantes. Acredito que a melhor métrica para avaliar o nosso trabalho é a satisfação e os obstáculos devem ser encarados como parte da aventura.

2 SER PERSISTENTE

Sejam persistentes sem se tornarem chatos. É importante gostar do que se faz. Apesar do trabalho, devemos saber tirar partido e divertir-mo-nos.

3 BOAS RELAÇÕES

Criem uma boa relação com os restantes colegas de trabalho. O capital humano faz a diferença. Saber lidar com diferentes pessoas pode ser uma mais-valia.

junto da equipa criativa e de produção, quer junto dos clientes; acabo por acompanhar o processo criativo, desenvolvido pelos meus colegas designers, e o trabalho de produção. No fundo, asseguro que o resultado final é perfeito", explica Liliana.

Para a licenciada em Publicidade, Marketing e Relações Públicas o facto de ter passado por empresas anunciantes antes de ingressar numa agência de publicidade dá uma outra visão ao trabalho diário.

As expectativas de Liliana face ao futuro passam por poder continuar a aprender. "A minha maior conquista é poder dizer que faço o que realmente gosto. Liderar novos projetos permite-me estar em constante aprendizagem, permite-me continuar a desafiar-me e estar em permanente crescimento", sustenta.

"Fazer sempre mais e melhor. Pode ser um 'cliché', no entanto, acredito que é uma máxima importante que devemos ter em mente a cada dia." ■